

Marisa Martins Gama-Khalil, Flavio Garcia y Karin Volobuef (coord.), *Literatura Fantástica: Vertentes Teóricas e Ficcionalis do Insólito*, monográfico de la revista *LETRAS & LETRAS*, Vol. 28, núm. 2 (julio-diciembre de 2012). ISSN: 0102-3527

O vigésimo oitavo volume da *Letras & Letras*, revista do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, foi dedicado ao tema *Literatura fantástica: vertentes teóricas e ficcionais do insólito*. A edição foi organizada pelos professores Marisa Martins Gama-Khalil (UFU), Flávio Garcia (UERJ) e Karin Volobuef (UNESP). O tema escolhido para o dossiê, a literatura fantástica e suas amplas manifestações na ficção, foi capaz de reunir pesquisadores de diferentes instituições de ensino superior do Brasil e de fora, revelando a força ascendente desse campo de estudos no ambiente acadêmico brasileiro.

Desde o ano de 2007, vem se observando uma clara expansão de grupos de pesquisa voltados para o insólito e o fantástico na literatura. Três núcleos são de especial destaque: o «Nós do Insólito», na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob a coordenação de Flavio Garcia e Marcello de Oliveira; o «Vertentes do Fantástico na Literatura», na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, coordenado por Karin Volobuef (UNESP-Araraquara) e Roxana Guadalupe Herrera Alvarez (UNESP-São José do Rio Preto); e o «Grupo de Pesquisa em Especialidades Artísticas», na Universidade Federal de

Uberlândia, liderado por Marisa Martins Gama-Khalil e Maria Cristina Martins. A interação e o diálogo constantes entre esses núcleos levou à criação, junto à Associação Nacional de Programas de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), do grupo de trabalho «Vertentes do Insólito Ficcional», do qual a referida edição da *Letras & Letras* é um dos frutos mais recentes.

Um olhar menos acostumado ao ambiente dos estudos literários brasileiros pode não dimensionar a importância do surgimento desses grupos de pesquisa locais e de sua reunião em uma associação nacional. Para ilustrar o quão incomum – e auspicioso – é esse momento, voltemos um pouco no tempo, para o ano de 2000, ao principal evento dedicado aos estudos acadêmicos de literatura no Brasil: o congresso bienal da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). Consultando-se os Anais do congresso, observa-se que, em um universo de aproximadamente duzentas mesas de comunicações, sessões semiplenárias, mesas redondas e sessões plenárias, não havia, simplesmente, nenhuma dedicada à literatura fantástica.

Jorge Luis Borges, no ensaio «El arte y la magia», comentava que o elemento

fantástico é um componente fundamental da literatura desde os primórdios da arte. O gosto pelo realismo, esse sim uma excentricidade recente, acabou sendo convertido no padrão do qual o fantástico passou a ser o desvio. Como explicar, por conseguinte, a pouca atenção dispensada pelos estudos literários brasileiros à literatura dita fantástica?

O FANTÁSTICO: UM PONTO CEGO NA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA

A crítica e a historiografia literária brasileira dos séculos XIX e XX demonstravam uma explícita preferência por obras realistas. Murilo Garcia Gabrielli, em sua tese de doutorado, aponta a concorrência esmagadora do projeto literário alencariano como uma causa central para as dificuldades enfrentadas pela ficção fantástica brasileira. O ideal de literatura proposto por José de Alencar influenciou até mesmo os movimentos literários posteriores ao romantismo, como o modernismo brasileiro. Nossa literatura foi encampada por um projeto de construção da identidade nacional, sufocando poéticas que não versassem sobre essa cartilha. Tal expectativa de arte, que exige de nossa literatura uma explícita e contínua reflexão direta sobre as questões da «realidade» brasileira, foi tão poderosa que acabou por se converter em um juízo estético. Dessa forma, o desenvolvimento de uma tradição do fantástico em nossa literatura foi obstruído por um modelo de ficção mais pautado na realidade objetiva e positiva.

No campo dos estudos literários, os fatos só existem quando observados. Os objetos de análise só se tornam visíveis quando descritos. Sem uma recepção crítica formal, a literatura fantástica brasileira nunca conseguiu articular uma produção sistemática nacional, consolidar um movimento literário específico, como o romantismo gótico, ou fazer florescer um autor emblemático, como Edgar Allan Poe, dedicado quase que exclusivamente ao gênero. Mas a ausência de um sistema explícito de produção e de consumo da literatura fantástica brasileira não significava que o fantástico não circulasse entre os leitores no país. Estudos recentes como o de Sandra Guardini Vasconcelos e Alessandra El Far demonstram, respectivamente, como o romance gótico inglês e os «romances de sensação», ao contrário do que se pensou durante muito tempo, circularam em grande número pelo país já na primeira metade do século XIX. Ao desvelar a disseminação de formas do fantástico em nosso país, tais pesquisas revelam não apenas o interesse do público leitor por essas narrativas, como também a influência que elas tiveram sobre nossos autores.

Uma outra causa poderia estar relacionada ao pouco interesse da crítica por obras de gosto popular – que é o caso da chamada literatura fantástica. O questionamento da qualidade estética é um argumento recorrente para justificar a indiferença que as narrativas populares receberam dos Estudos Literários por décadas. De um ponto de vista metacrítico,

porém, poderíamos objetar que os sempre instáveis e problemáticos juízos de gosto não deveriam jamais fundamentar a delimitação do campo de observação de uma área de pesquisa. O ato de valoração da obra deveria ser o movimento final de um processo complexo – que envolve, entre outros procedimentos, descrição e interpretação –, jamais um pressuposto apriorístico que determina o que deve ou não ser estudado. A literatura de uma época é muito mais do que o conjunto de livros e autores que a crítica e a historiografia elegem, por razões frequentemente extraliterárias, como significativas daquele momento.

O escritor mexicano Carlos Fuentes, no ensaio «O milagre de Machado de Assis», nos dá indiretamente outros subsídios para compreender o «sequestro» do fantástico na literatura brasileira. Para explicar porque Machado é o mais importante romancista ibero-americano do século XIX, quiçá o único autêntico, Fuentes defende a tese de que há duas tradições literárias do romance. A primeira, a Tradição de La Mancha, inaugurada por Cervantes, fundou através da ficção uma outra realidade, por meio da imaginação e da linguagem, da ironia e da mescla de gêneros – tradição continuada por autores como Laurence Sterne (*Tristram Shandy*) e Denis Diderot (*Jacques le fataliste et son maître*), entre outros. A Tradição de La Mancha concorre com a resposta realista da Tradição de Waterloo. Enquanto esta se afirma como realidade, aquela sabe-se ficção e, mais ainda, celebra-se como ficção.

Se Waterloo baseia-se na experiência e nos diz o que já sabemos, La Mancha baseia-se em nossa inexperiência e nos fala do que ignoramos.

A grande literatura fantástica é, sem dúvida, filha da Tradição de La Mancha – que Milan Kundera, em *A arte do romance*, chamou de «tradição depreciada de Cervantes». Os estudos literários acadêmicos brasileiros seguiram a Tradição de Waterloo e criaram o ponto cego em que a literatura fantástica brasileira e sua respectiva crítica precisaram se constituir e se desenvolver.

AS MUITAS FACES DO FANTÁSTICO

A amplitude e a pluralidade de linhas de estudos abertas pelos novos grupos brasileiros de pesquisa dedicados ao fantástico podem ser contemplados nos oito subtemas que dividem o dossiê temático da *Letras & Letras*. A primeira delas foi intitulada «O fantástico, suas concepções e alguns conceitos» e é aberta com o ensaio «Mutaciones pós-modernas: del vampiro depredador a la naturalización del monstruo», de David Roas, Professor titular da Universitat Autònoma de Barcelona (UAB), em que se reflete sobre como, na ficção pós-moderna, o mito do vampiro passa por um curioso processo de naturalização, afetando sua inserção nas categorias tradicionais do fantástico. Na sequência, Elton Honores, Professor na Universidad San Ignacio de Loyola, discute, no ensaio «Monstruos de papel: la «nueva ola» del horror peruano», o ho-

ror como um subgênero do fantástico, a partir das obras de dois escritores da literatura peruana contemporânea, Carlos Carrillo e Fernando Iwasaki. O terceiro artigo é o da Professora da Universidade de Coimbra Maria João Simões, que investiga a subversão das fronteiras entre o real e o irreal, o lógico e o ilógico, o pensado e o ainda não pensado, operada pelo fantástico em obras de Murilo Rubião, David Roas e Maria João Cantinho. Fechando a primeira seção da revista, Maria Cristina Batalha, Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), reflete sobre os diversos sentidos atribuídos, em momentos históricos e espaços geográficos distintos, a uma série de conceitos vinculados às teorias da literatura fantástica, tais como «imaginação», «fantasia» e «sobrenatural».

A segunda seção, denominada «O fantástico inquietante e *estranhador*», é aberta com um artigo da Professora da Universidade Estadual de Londrina, Adelaide Caramuru Cezar, que analisa no conto «Droenha», de Guimarães Rosa, a travessia da racionalidade à fantasmagoria vivenciada pelo protagonista da narrativa. Em seguida, Regina da Costa Silveira, Professora da UniRitter, e Karine Miranda Campos, Mestranda da mesma universidade, propõem uma leitura comparativa de «Um dia depois do sábado», de García Márquez, e *O assobiador*, de Ondjaki, com o mito do Judeu Errante. Encerrando a seção, Madalena Machado, Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), investiga a cate-

goria do insólito em narrativas do escritor mato-grossense Ricardo Dicke.

«O fantástico e a categoria do espaço narrativa» é a terceira seção do dossiê, reunindo dois ensaios: «The fantastic of place and the fantastic of space: two models of transgression», de Patrícia Garcia, Professora da Dublin City University, que demonstra como as transgressões operadas pelo fantástico subvertem as funções do espaço narrativo ficcional; e «Topofilia e topofobia em *O Hobbit*, J. R. R. Tolkien», de autoria de Osiris Borges Filho, Professor da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), e Nilfan Fernandes da Silva Junior, graduando da mesma instituição, exploram as relações afetivas entre espaço narrativo e personagem na clássica obra de fantasia do escritor inglês.

O quarto subtema é «O fantástico na narrativa fílmica». Niltom Milanez, Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), toma o filme *Casa de Usher*, de Roger Corman, inspirado no célebre conto de Allan Poe, para fazer uma análise discursiva dos sentidos das cores na película do diretor norte-americano. Na sequência, Alcebíades Diniz Miguel, Pesquisador pós-doutorando da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), envereda pelos caminhos da ficção de terror fantástico analisando o cinema de horror de Guillermo del Toro. Fechando a seção, a Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rita de Cássia Miranda Diogo, explora as relações entre a modernidade,

o cinema e o fantástico nas narrativas de Julio Cortázar.

Agruparam-se, na quinta seção, sob a rubrica «O fantástico e a ficção científica», três ensaios. O primeiro deles, de autoria de Alexander Meireles, Professor da Universidade Federal de Goiás (UFG), explora as fronteiras entre Ficção Científica e Realismo Mágico a partir das obras de dois escritores tchecos, Karel Capek e Franz Kafka. No segundo, os modos fantástico e de horror são investigados em narrativas espectrais pseudocientíficas por André de Sena, Professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). No último artigo da seção, *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, e *O quase fim do mundo*, de Pepetela, são analisados por Robson Lacerda Dutra, Professor da Unigranrio, para demonstrar como o conceito de verdade única é contestado pelos dois autores, através de deslocamentos estéticos e históricos.

As duas seções subsequentes foram dedicadas a autores específicos. A primeira delas traz dois artigos dedicados a um dos principais autores brasileiros de literatura fantástica, Murilo Rubião. Fabíola Maceres Silva e Maria Célia de Moraes Leonel, respectivamente Mestranda e Professora da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (UNESP), analisam as marcas da estética do grotesco no conto «Petúnia», do escritor mineiro. Antonia Marly Moura Silva, Professora de Teoria da Literatura na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), e Francisco Edson G. Leite, Mestrando pela mes-

ma instituição, descrevem a manifestação do fantástico no conto «Teleco, o coelhinho», a partir da observação da técnica narrativa, do enredo insólito e dos efeitos de leitura.

Também organizada em torno de um autor, a sétima seção tem dois artigos dedicados a Jorge Luis Borges. O primeiro, de autoria de Heloísa Helena Siqueira Correia, Professora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), investiga o fantástico metafísico na obra do escritor argentino, que conduz o leitor às fronteiras entre a literatura e a filosofia. Já o Professor de Teoria Literária da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Pedro Doblabela Chagas, analisa o valor estético do «insólito não-moderno» nas reflexões críticas e teóricas sobre a narrativa ficcional feitas por Borges e Bioy Casares.

Fechando o volume, dois artigos integram a seção «O fantástico em narrativas de língua inglesa». Fernanda Aquino Sylvestre, Professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), reflete sobre a releitura do conto «A Bela Adormecida» feita por Robert Coover na novela *Briar Rose*. André Cechinel, Professor de Teoria Literária e Literatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), toma as narrativas «The real right thing», «The beast in the jungle» e «The jolly corner», de Henry James para investigar o porquê de os fantasmas assumirem posições centrais na literatura daquele que é considerado um dos maiores escritores realistas anglo-americanos.



O escritor e crítico Bráulio Tavares escreveu certa feita que em uma história realista, o leitor fica se perguntando «o que vai acontecer em seguida?», enquanto que em uma história fantástica, a pergunta é «o que é isso que está acontecendo?». Ambas perguntas cabem, nesse momento, em relação aos estudos literários brasileiros: mal se começou a explorar as possibilidades de se estudar nossa literatura sob uma perspectiva que atente para as manifestações do insólito, do maravilhoso, do estranho, do gótico, do grotesco. O que esconde a tradição oculta do fantástico no Brasil é algo que só o tempo e o trabalho continuado desses grupos de pesquisa – e de outros que certamente surgirão – irão dizer.

JÚLIO FRANÇA

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

julfranca@gmail.com

